

Reflexões acerca do trabalho no cotidiano das mulheres que residem em áreas rurais

Adriely de Freitas Veiga

A presente resenha analisa o artigo *"Essa dor que você sente é falta de serviço": interseções da violência e trabalho no cotidiano de mulheres que vivem em áreas rurais", de Luciane Stochero*, *Michelle Bernardino e Liana Wernesbach Pinto* que apresenta uma discussão sobre a relação entre a violência e o trabalho no cotidiano das mulheres que residem em áreas rurais, buscando compreender e evidenciar como esses fatores se relacionam e contribuem para situações de exploração, sobrecarga, dependência econômica e o adoecimento.

As autoras enfatizam a opressão e a violência contra as mulheres, que estão enraizadas em estruturas patriarcais e são resultado de um processo histórico que naturalizou a desigualdade de gênero, legitimando diferentes formas de silenciamento e dominação feminina. O artigo apresenta essa discussão e demonstra a necessidade de refletir sobre o contexto de desigualdade e violência enfrentado por essas mulheres.

A análise parte da compreensão de que a divisão sexual do trabalho foi historicamente construída. Nesse contexto, o trabalho produtivo, associado à geração de renda e capital, foi predominantemente atribuídos aos homens, enquanto as atividades domésticas e de cuidado ficaram sob responsabilidade das mulheres. Essa divisão contribuiu para a desigualdade entre homens e mulheres de uma mesma classe social e para a desvalorização das tarefas desempenhadas pelas mulheres, muitas vezes vistas como uma obrigação e não como trabalho.

Nas áreas rurais, muitas mulheres enfrentam violências psicológicas, sexuais, morais e patrimoniais, além da exclusão dos processos de decisão, da sobrecarga de trabalho, da falta de documentação e

da limitação de sua autonomia econômica. O conjunto desses elementos desencadeia o apagamento e a invisibilidade do trabalho dessas mulheres, comprometendo o exercício de direitos sociais, como a aposentadoria.

Na área rural, essa divisão torna-se mais complexa, pois o local de moradia também costuma ser o local de trabalho. Nesse ambiente, a mulher acumula atividades domésticas, de cuidado e agrícolas, exercidas de forma contínua e sem horários definidos para começar ou terminar. Dessa forma, os limites entre o trabalho reprodutivo e o trabalho produtivo tornam-se pouco definidos, fazendo com que essas atividades se misturem no cotidiano das mulheres.

O artigo realizou uma análise de relatos de mulheres com o objetivo de compreender as interseções entre a violência e o trabalho vivenciadas por aquelas que residem na zona rural. Para isso, as autoras desenvolveram uma pesquisa qualitativa baseada no Método História de Vida, utilizado para compreender experiências concretas a partir das vivências das participantes.

A pesquisa foi realizada em 2022, em dois municípios localizados no Rio Grande do Sul. Ao todo, foram realizadas 29 entrevistas, das quais cinco foram selecionadas para integrar o artigo devido à densidade temática e à riqueza das narrativas e experiências relatadas. As cinco mulheres selecionadas tinham entre 48 e 69 anos e apresentavam características e trajetórias de vida distintas. A análise dos relatos e das experiências foi dividida em dois temas: o primeiro, intitulado *"O trabalho invisível e invisibilizante"*, e o segundo, *"A violência doméstica como mecanismo de controle e manutenção do trabalho feminino"*.

No contexto da primeira temática, evidencia-se a desigualdade enfrentada por essas mulheres, que começa na infância. Durante as entrevistas, além da ausência de recursos financeiros e das dificuldades de acesso à escola, algumas entrevistadas relataram que interromperam ou tiveram seus estudos limitados devido à necessidade de auxiliar nas atividades domésticas e familiares, que faziam parte de seu cotidiano desde muito cedo.

O artigo aborda que, com a chegada da vida adulta, a situação das mulheres se torna mais acumulativa em razão das novas tarefas e responsabilidades que passam a assumir. Apesar dessa rotina intensa e dessa jornada de trabalho complexa, o trabalho realizado por essas mulheres muitas vezes não recebe o devido reconhecimento.

Na segunda temática, o artigo enfatiza a violência psicológica e moral dos homens contra as mulheres como uma forma de controle. Desse modo, a desvalorização, o isolamento e as ameaças surgem

como mecanismos para manter essas mulheres em uma posição de inferioridade, contribuindo para o enfraquecimento de sua autoestima, dificultando a busca por independência e autonomia.

A pesquisa enfatiza a relação econômica como um dos principais fatores que dificultam o rompimento dessas mulheres com seus companheiros. Algumas entrevistadas relatam que contribuíam diretamente para a renda familiar por meio do próprio trabalho, porém não tinham acesso ao dinheiro que ajudavam a produzir, pois o parceiro exercia total controle e domínio sobre esses valores, fazendo com que a mulher se tornasse dependente e sem autonomia para realizar até mesmo necessidades básicas com o próprio dinheiro.

O artigo escancara e contribui para a análise dos diversos fatores que fazem parte da rotina das mulheres das áreas rurais, mostrando como eles se interligam e se correlacionam. Dessa forma, evidencia a realidade enfrentada por essas mulheres, que sofrem com a sobrecarga de trabalho, a dependência, a desvalorização e diferentes formas de violência. Mesmo realizando as tarefas da casa, cuidando dos filhos e familiares e trabalhando na lavoura, seu trabalho permanece invisibilizado, reforçando sua condição de dependência e perpetuando as desigualdades de gênero presentes no meio rural.

Em um dos momentos, a pesquisa discorre sobre o título do artigo que está relacionado a um dos relatos apresentados pelas entrevistadas. Em um dos casos, uma das mulheres conta que, mesmo sentindo dores e enfrentando problemas de saúde devido à rotina de trabalho, seu marido afirmava que aquilo era apenas “falta de serviço”. Esse relato demonstra como o sofrimento e a saúde das mulheres são frequentemente desvalorizados, além de evidenciar uma forma de violência.

Apesar dessas dificuldades, o artigo também destaca o processo de reconstrução da independência de uma das entrevistadas, que relata que, após a separação, conquistou mais autonomia e passou a realizar atividades que antes não conseguia devido ao controle exercido pelo companheiro.

Além disso, a pesquisa apresenta uma discussão relevante ao evidenciar que a violência contra as mulheres rurais vai além das agressões físicas, manifestando-se também por meio da desvalorização do trabalho feminino, da dependência econômica e do controle exercido pelos parceiros. A utilização dos relatos das entrevistadas fortalece a argumentação das autoras e aproxima o leitor da realidade vivenciada por essas mulheres. Dessa forma, o estudo contribui para ampliar o debate sobre as desigualdades de gênero no meio rural e reforça a necessidade de ações e políticas públicas voltadas para a garantia de direitos e promoção da autonomia feminina.

Conclui-se que as dimensões de gênero, integradas às tarefas domésticas, de cuidado e ao trabalho agrícola, estão interligadas, resultando na exploração e na constante sobrecarga física e mental dessas mulheres. Essas condições acabam afetando diretamente sua qualidade de vida e saúde, contribuindo para o adoecimento. Diante disso, o artigo defende a importância da ampliação de políticas públicas voltadas às mulheres que vivem em áreas rurais, garantindo o acesso a direitos, oportunidades e serviços de saúde, com o objetivo de promover sua independência, autonomia e autoestima.

REFERÊNCIAS

STOCHERO, Luciane; BERNARDINO, Michelle; PINTO, Liana Wernersbach. “Essa dor que você sente é falta de serviço”: interseções da violência e trabalho no cotidiano de mulheres que vivem em áreas rurais. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 51, 2026.

Autora

Adriely de Freitas Veiga

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Federal de São Paulo – Câmpus de Registro.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/9643706017600968